

INTRODUÇÃO

Inovação insere-se na pauta de estudos da Nova Sociologia Econômica com o surgimento do sistema capitalista informacional global, dentro da estrutura da sociedade em rede (CASTELLS, 2013). Dado a competitividade que os mercados apresentam, ou tais condições são enfrentadas por modelos de redução de custos, desvalorizando a produção, ou encontra-se novas formas de produzir. Logo torna-se vital para o setor produtivo criar relações com o setor científico, de modo a superar as dificuldades da competitividade via inovação. O estado do Rio Grande do Sul é um cenário peculiar a inovação: apesar das estruturas da indústria local, cujas características ressaltam uma indústria calcada em atividades com baixo valor agregado, existe indicadores, especialmente vinculados à região metropolitana de Porto Alegre (RMPA), onde há um considerável número de instituições de ensino superior, agregado os seus parques tecnológicos e novas políticas ligadas a inovação, demonstrando potencial inovativo para atividades econômicas no setor da tecnologia da informação (TARTARUGA, 2010). Pretende-se analisar a conjuntura de pequenas empresas intensivas em conhecimento, observando o fenômeno do empreendedorismo inovador a partir do contexto de ampliação da criação de parques tecnológicos no rio grande do sul, sob a perspectiva da teoria dos jogos.

OBJETIVO

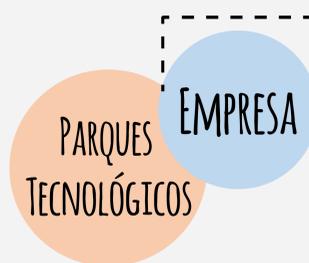
Investigar em que medida os empreendedores de pequenas empresas inovadoras, uma vez inseridos em parques tecnológicos, potencializam suas estratégias de competitividade no mercado de atuação.

- ✓ Evidenciar a pluralidades de relações empreendedoras entre PMEs que atuam na nova economia de serviços informacionais;
- ✓ Elaborar, a partir da teoria dos jogos, quadrantes de ações possíveis aos agentes;
- ✓ Compreender as redes imbricadas nas tomadas de decisões dos agentes empreendedores;

METODOLOGIA

Pretende-se comparar dois grupos de empresas inovadoras de pequeno porte: (1) PMES estabelecidas em parques tecnológicos, disponibilizando-se de recursos e mecanismos políticos e econômicos capazes de impulsionar a inovação; (2) PMES que atuam espontaneamente, de forma mais tradicional e distante de ambientes de inovação. A unidade de análise do estudo são as redes de relações estabelecidas por esses dois grupos de PMES inovadoras, na busca por êxito técnico e econômico, em condições de atuação diferenciadas.

RESULTADOS



- Empreendedores inseridos na realidade dos Parques optam por uma empresa com característica mais “acadêmica”, refletindo não só a formação pessoal do empreendedor, que em geral possui um nível de qualificação elevado, como também o produto final da empresa. Reconhecem as limitações iniciais dado pela desinformação ao se empreender no ambiente universitário;
- A decisão de permanecer vinculado ao meio universitário aparece como “o caminho natural”, isso porque o empreendedor percebe que seu negócio é mais frutífero lá;
- Dentro dos Parques, próximos de editais, mão de obra qualificada e conhecimento sobre possíveis mecanismos políticos capazes de impulsionar o negócio, o empreendedor insere-se numa rede de traços mais burocráticos, mais fiel a realidade científica brasileira.
- O fato de estarem longe das estruturas e recursos disponibilizados e/ou oferecidos às empresas instaladas nos parques levam aos empreendedores buscarem caminhos outros. Encontram apoio especialmente no exterior, seja na forma de *network's* fornecendo o *know-how* de certas atividades, através da obtenção de sociedades com empresas já consolidadas ou investimentos. Apesar de terem qualificações em nível superior e valorizem suas experiências na graduação, reconhecem as limitações deste ambiente no contexto brasileiro e não atribuem protagonismo no mesmo, tendo inclusive alguns casos onde o conhecimento empírico é o único recurso disponível para empreender.
- A rede de traços mais empresa-empresa, oferecendo uma dinâmica diferente e proporcionando uma abrangência maior sobre o nicho de mercado.



CONCLUSÕES

Com esta investigação foi possível perceber que há diferentes formas de inovação. Mesmo onde os agentes sentem resistência a ação empreendedora, é possível, ainda que de forma mais complexa, inovar.

Analisando os discursos durante as entrevistas percebe-se as diferentes formas de tratamento que o ambiente universitário recebe aos olhos de quem empreende. Todos recordam de suas experiências na graduação de forma saudosista, entretanto ao tocarem no assunto de negócios a universidade não é o lugar mais receptivo para alguns e outros contam de que forma ultrapassaram essa resistência inicial.

	EMPREENDEDOR “A”	EMPREENDEDOR “B”
UNIVERSIDADE	COOPERA COM O NEGÓCIO DIRETAMENTE	COOPERA COM O NEGÓCIO INDIRETAMENTE
RESISTÊNCIA DO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	MÉDIO/FRACO	MÉDIO/FORTE
TIPO DE REDE	BUROCRÁTICA/INTERPESSOAL	INTERPESSOAL
PARQUE TECNOLÓGICO	RECEPTIVO À IDEIA	NÃO RECEPTIVO À IDEIA

Sendo o empreendedor um agente racional, ele ajusta seu discurso a partir da realidade em que está inserido, tornando suas ações e pensamentos coerentes. Há fatores determinantes para além das resistências, como por exemplo o ano de fundação da empresa, ou o tipo de serviço/produto realizado na empresa, mas este trabalho buscou evidenciar que outras redes são possível de existirem para além daquelas teorizadas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Thales de. Inovação e ciências sociais: em busca de novos referenciais. RBCS Vol. 20 nº. 58 junho/2005.

BALESTRIN, Alsones; VERSCHOORE, Jorge. Redes de cooperação empresarial:estratégias de gestão na nova economia. Porto Alegre: Bookman, 2008.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; CARAÇA, J.. **As culturas da crise econômica: introdução. Rescaldo?** In: A crise e seus efeitos. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

PNI – Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos. **Estudo de Projetos de Alta Complexidade:** indicadores de parques tecnológicos / Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – Brasília: CDT/UnB, 2013.

SANTOS, D. T. et al. **Análise do crescimento das empresas de base tecnológica no Brasil.** Prod. v. 20, n. 2, p. 214-223, 2010;

SOUZA, Adamo Alberto. A teoria dos jogos e as ciências sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2002.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. **Inovação, território e cooperação: Um novo panorama da Geografia Econômica do Rio Grande do Sul.** 2014. 334 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. (<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106435>)

VITORINO, Valdir Antonio Filho; SACOMANO, Mário Neto; ELIAS, Jorge José. Teoria dos Jogos: uma abordagem exploratória. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.2, jul./dez. 2009.

